

ÁFRICA DO SUL: CENÁRIO POLÍTICO ATUAL¹

Vladimir Shubin²

Entre os eventos sediados na África do Sul nos últimos anos, três se destacam em grau de importância: a Cúpula dos BRICS em Durban (eThekweni³), a morte de Nelson Mandela e a eleição geral.

A Quinta Cúpula dos BRICS aconteceu em 26-27 de março de 2013 em Durban, sob o lema “Os BRICS e a África: Parceria para o Desenvolvimento, Integração e Industrialização”, o qual foi proposto pelas lideranças sul-africanas. Além da Declaração e Plano de Ação de eThekweni, esse encontro culminou em diversos acordos entre os líderes dos BRICS. O Conselho Empresarial dos BRICS foi definido dentro da estrutura de cooperação multilateral e a declaração sobre o estabelecimento do Conselho de *Think Thanks* dos BRICS foi adotada. Na iniciativa sul-africana “*The Retreat*”, um fórum de diálogo sobre o tema “Destravando o Potencial Africano: os BRICS e a África. Cooperação e Infraestrutura.” reuniu chefes de Estado e de governo, chefes de organizações continentais e regionais africanas e seus superiores, incluindo a Presidente da Comissão da União Africana, Nkosazana Dlamini-Zuma.

Em meio a um contexto em que os países que compõem o BRICS estão atravessando dificuldades econômicas consideráveis, há quem diga que essa organização não permaneceu fiel às expectativas em torno dela. No entanto, em um discurso em Ufa, na Sétima Cúpula dos BRICS, em julho de 2015, o Presidente sul-africano Jacob Zuma estava mais otimista. Ele assinalou que “tanto a África do Sul quanto o continente africano se beneficiaram da cooperação econômica com os nossos parceiros do BRICS. O comércio sul-africano total com o BRICS, em 2011, montava 268 bilhões

1 O presente artigo foi escrito com o apoio financeiro da *Russian Foundation for Humanities* Projeto 16-07-0038, “África do Sul, parceira estratégica da Rússia”

2 Instituto de Estudos Africanos, Academia Russa de Ciências, Moscou, Rússia. E-mail: vlgs@yandex.ru

3 eThekweni – nome do município metropolitano que agora inclui a cidade de Durban.

de rublos russos e, desde então, cresceu a 382 bilhões de rublos russos em 2014, um acréscimo de 70%. O comércio total do BRICS com a África dobrou desde 2007 até 2012 – 340 bilhões de dólares americanos – e projeta-se que vá atingir U\$500 bilhões até 2015”⁴.

Assim como a realização da Cúpula dos BRICS em Durban, a reação mundial à morte de Nelson Mandela, com a despedida a ele contando com a participação de dezenas de líderes mundiais em dezembro de 2013, reafirmou que a África do Sul exerce um papel especial não apenas no continente africano, mas também no cenário internacional. Foi em Johannesburgo, na cerimônia de despedida, que o Presidente americano Barack Obama se aproximou do líder cubano Raul Castro e apertou sua mão, simbolizando o recomeço da normalização das relações bilaterais.

O terceiro evento importante – a eleição geral – aconteceu em maio de 2014. O Congresso Nacional Africano (CNA) venceu pela maioria, arrecadando 62,15% dos votos⁵, apenas 3,5% menos do que cinco anos antes. No entanto, deve-se considerar que menos do que 60% de cidadãos sul-africanos aptos a votar de fato exerceram seu direito. Assim, o número total de votos recebidos pelo CNA foi ainda menor do que o da última eleição geral, 20 anos antes.

O fato de que o CNA possui o apoio de uma vasta maioria e de que a oposição ainda não foi capaz de apresentar um desafio real em escala nacional foram confirmados, embora essa última eleição geral tenha sido a mais difícil para tanto. O CNA, o partido governante há 20 anos, atua em aliança com duas outras organizações – o Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (sigla COSATU, em inglês) e o Partido Comunista Sul-Africano (SACP, sigla em inglês) –, as quais não participam diretamente nas eleições, mas cujos membros participam do Parlamento e dos Ministérios como membros do CNA. No entanto, uma nova característica marcante da vida política sul-africana atual é o fato de que cada parte da “aliança tripartidária” vivencia uma série de problemas.

Jacob Zuma se tornou Presidente do CNA quando derrotou o então Presidente Thabo Mbeki em uma conferência do partido em Polokwane, em dezembro de 2007, recebendo o apoio de 60% dos delegados. Em maio de 2009, Zuma se tornou Presidente da República da África do Sul. Após, em dezembro de 2012, na seguinte conferência do CNA, em Mangaung, ele recebeu apoio ainda maior do que cinco anos antes – abarcando mais de 70% dos delegados. No entanto, o segundo candidato – o então vice-

4 Notas do Presidente Zuma na Sétima Cúpula dos BRICS, durante a sessão Plenária, Ufá, Rússia. <http://www.thepresidency.gov.za/pebble.asp?relid=20075>

5 <http://www.elections.org.za/resultsnpe2014/>

sua terra natal – Nkandla, em KwaZulu-Natal. A investigação dessa questão durou diversos meses, porém, por alguma razão, resultou em um relatório de quase 450 páginas realizado pelo Defensor Público Thuli Madonsela, em março de 2014, próximo ao período de campanha eleitoral. O texto argumentava que algumas dessas construções – o Centro de Visitantes, o centro de gado, a piscina – não podem ser justificadas nos termos do *South African National Key Points* (que inclui residências presidenciais). O relatório sugeria que Zuma deveria “pagar uma porcentagem razoável do custo de tais medidas, assim como determinado com a assistência do Tesouro Nacional”⁸. Naturalmente, tal relatório foi um “presente” para a oposição nas vésperas da eleição. No entanto, depois de um tempo, o Ministro da Polícia, Nathi Nhleko, alegou que o documento exagerara o valor em diversas ocasiões e que, em qualquer caso, o Presidente não era obrigado a devolver o dinheiro por causa de “recursos de segurança necessários”⁹. A sua posição foi apoiada pela maioria dos parlamentares do CNA. Isso não significou, no entanto, o final da história.

O segundo caso foi uma verdadeira tragédia. No dia 16 de agosto de 2012, 34 mineiros foram mortos e outros 78 ficaram feridos devido a um tiroteio policial nas proximidades da mina de platina Marikana, na Província Noroeste da África do Sul. Os operários participavam de uma severa greve que demandava um aumento de três vezes no valor de seus salários. Previamente ao ocorrido, outras dez pessoas haviam sido mortas, incluindo dois policiais e dois empregados da empresa Lonmin.

Essa tragédia causou um grande tumulto no país; ela foi comparada, inclusive, com o Massacre de Sharpeville de 21 de março de 1960. As ações policiais receberam duras críticas. No entanto, perante essa situação, o governo não “varreu a poeira para baixo do tapete”; as autoridades estabeleceram uma comissão de inquérito comandada por Ian Farlam – branco, proeminente advogado e juiz aposentado da Suprema Corte de Apelação sul-africana –, o qual possuía o poder de questionar policiais, mineiros, oficiais do governo e funcionários da empresa. As suas reuniões eram públicas, estando sujeitas, inclusive, ao televisionamento. Originalmente, a Comissão estava programada para trabalhar por quatro meses, porém seu período foi ampliado por mais de dois anos; o relatório final¹⁰, que contava com 660 páginas, foi entregue ao Presidente da nação

8 http://www.publicprotector.org/library%5Cinvestigation_report%5C201314%5CFinal%20Report%2019%20March%202014%20.pdf

9 <http://www.gov.za/speeches/report-minister-police-parliament-security-upgrades-nkandla-private-residence-president-28>

10 <http://www.thepresidency.gov.za/medialib/downloads/downloads/Full%20Report%20of%20the%20Marikana%20Commision%20of%20Inquiry.pdf>

em abril de 2015 para ser publicado, por alguma razão desconhecida, muito tempo depois, em junho. O documento contém avaliações críticas às ações da Lonmin¹¹, da polícia e do Sindicato da Associação de Mineiros e Construtores (*Association of Mineworkers and Construction Union*, sigla AMCU em inglês) –, que organizou a greve e sugeriu medidas para evitar tais tragédias. Nem todos acabaram felizes com o resultado do relatório, porém a investigação demonstrou uma faceta democrática do Estado sul-africano.

A tragédia em Marikana suplantou um evento muito importante na vida econômica e política da África do Sul: a publicação, no dia anterior, 15 de agosto de 2012, do Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), preparado durante dois anos pela Comissão Nacional de Planejamento (CNP), sob o lema “Nosso Futuro. Faça dar Certo. 2030”¹². Esse extenso documento, que consiste em quase 500 páginas, proclama como seus principais objetivos a erradicação da pobreza e a redução da desigualdade, indicando meios para atingir tais metas. Em particular, o PND almejava aumentar o número de cidadãos trabalhando de 13 milhões em 2010 para 24 milhões em 2030 e o crescimento anual do nível de renda per capita partindo de uma margem 50 mil até 120 mil¹³.

A elaboração do projeto pela CNP foi seguida de seis meses de “consulta pública, a fim de atingir um consenso e refinar o plano”¹⁴. Contudo, falar de um *verdadeiro* consenso seria errôneo. Em particular, o Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (sigla COSATU em inglês), a maior federação de sindicatos tanto públicos quanto privados, foi especialmente crítico. A opinião preparada pelo líder do COSATU foi a seguinte: “O PND propõe reformas *cosméticas* para a estrutura econômica. Em vez de transformar, de fato, a estrutura econômica, o plano almeja, no máximo, tornar as posses menos racistas”¹⁵.

Além disso, a implementação do plano está sendo mais vagarosa do que o esperado. Por exemplo, o crescimento econômico em 2015 foi de

11 Cyril Ramaphosa foi membro do conselho e proprietário das ações da referida empresa. No período que antecedeu o massacre, ele enviou e-mails a políticos e à polícia persuadindo-os a adotar medidas mais severas contra os mineiros grevistas, pois “os eventos em torno da greve eram criminosos e covardes e deveriam ser considerados como tais”. Ramaphosa desejava que a polícia agisse “de maneira mais severa” (<http://www.ft.com/cms/s/0/44d49cd4-2164-11e4-a958-00144feabdco.html#axzz4AKdRuLUa>). O inquérito inocentou Ramaphosa perante as alegações de incitação ao assassinato, porém as famílias das vítimas ainda estão tentando “persegui-lo” através das cortes.

12 <http://www.gov.za/issues/national-development-plan-2030>

13 <http://www.gov.za/issues/national-development-plan-2030>, p. 34.

14 *Ibid.* p. 483.

15 <http://www.cosatu.org.za/docs/discussion/2013/NDPcritiquesummary.pdf>. p.11

apenas 1.3%¹⁶, em vez do número de 5.4% visado pelo Plano.

Anteriormente, as diferentes visões acerca do futuro do país apareceram na Conferência de Políticas do CNA, em junho de 2012. Embora a nacionalização das minas não fosse apoiada – devido ao medo de que tal passo espantaria os investidores e de que altíssimas quantias de dinheiro seriam gastas –, a proposta de “intervenção estatal” foi aprovada¹⁷. Em particular, uma única companhia mineradora estava quase controlando as ações estatais da indústria mineradora, enquanto fora sugerido que poderia ser ocupado apenas até 30% do total desse setor industrial. Tal empresa – a Corporação Africana de Finanças e Exploração Mineira (*African Exploration Mining and Finance Corporation*) – já havia sido estabelecida previamente, porém, em princípio, possui um objetivo modesto: suprir carvão para usinas pertencentes ao setor público. E, em 2016, o Estado possuía apenas duas minas de carvão e duas minas de diamante.

Agora, devemos analisar o espectro político da sociedade sul-africana. O mais proeminente partido de oposição é a Aliança Democrática (AD). Na eleição geral, o partido, até então liderado por Helen Zille – o primeiro-ministro de Cabo Ocidental –, fortaleceu significativamente a sua posição, não apenas nessa província, mas também no centro econômico da África do Sul – Gauteng. Ao redor do país, a AD recebeu 22.23% dos votos, 5.5% a mais do que 2009 – principalmente às custas de partidos menores.

No entanto, imediatamente após as eleições, a Aliança Democrática enfrentou uma desconfortável situação: a sua “estrela”, Lindiwe Mazibuko, que liderou a facção na Assembleia Nacional, preferiu uma bolsa de mestrado em uma universidade americana a um posto parlamentar.

O terceiro caso, para a surpresa de muitos, foi o partido formado apenas alguns meses antes das eleições, em outubro de 2013: os “Combatentes da Liberdade Econômica” (*Economic Freedom Fighters*, EFF, em inglês) receberam 6.35% dos votos. O seu “Comandante” é Julius Malema, o ex-líder da Liga Jovem do CNA. Inicialmente um fervoroso apoiador do Presidente incumbente do CNA em seu conflito com Thabo Mbeki (Malema tornou-se famoso e notório por causa de sua frase: “Eu matarei por Zuma”), ele começou a criticar Zuma pela defesa à liberdade econômica (por causa disso, surgiu o nome incomum do partido). Além disso, Malema também exigia a nacionalização da indústria mineradora. A liderança do CNA recorreu a recursos administrativos; Malema foi expulso da organização e, após, começou a criar a sua própria. Deve-se ressaltar que

¹⁶ <http://www.tradingeconomics.com/south-africa/gdp-growth>

¹⁷ Recomendações do Congresso Nacional Africano da 4ª Conferência de Políticas em junho de 2012, p. 35. <http://www.anc.org.za/list.php?t=Policy%20Documents>.

o seu estilo de vida está muito longe de ser um estilo de vida proletário. A Receita sul-africana quer que ele pague mais de 18 milhões de Rands (moeda sul-africana), incluindo juros¹⁸, enquanto o Ministério Público o acusa de estar envolvido em lavagem de dinheiro, corrupção, extorsão e fraude¹⁹.

Outro partido recente participou das eleições: o “Agang” (“Vamos Construir”, nas línguas Sesotho e Setswana), fundado por Mamphele Ramphele, conhecida, sobretudo, por ter boa relação com Steve Biko, um proeminente opositor do *apartheid* que morreu em 1977 em custódia policial logo após a sua prisão. Surpreendentemente, logo antes da eleição, foi anunciado que Ramphele seria uma candidata à presidência pela Aliança Democrática. Uma foto de um beijo entre duas mulheres – Ramphele e Helen Zille – viralizou na Internet e na grande mídia. No entanto, esse casamento homoafetivo, que é legal na África do Sul, durou apenas três dias e o “Agang” concorreu independentemente nas eleições. Como resultado, o partido ganhou dois assentos na Assembleia Geral, porém, estranhamente, Ramphele se negou a aceitar um deles e, logo após, retirou-se da vida política.

Enquanto isso, em maio de 2015, Helen Zille abdicou em prol do novo líder do seu partido, o jovem Mmusi Maimane²⁰, mantendo, no entanto, o posto de Chefe de Governo da província de Cabo Oriental. Tal movimento foi visto não apenas como uma tentativa da Aliança Democrática de se livrar da imagem de um partido predominantemente branco, mas também como uma tentativa de ganhar a maioria nas eleições municipais em Agosto de 2016 nas “Cinco Grandes” – as cinco maiores cidades, incluindo Joanesburgo e Tshwane (Pretoria). Muito menores eram as expectativas do Congresso do Povo, o partido dissidente do Congresso Nacional Africano (CNA); no fim, o partido recebeu, em 2014, menos do que 10% dos votos recebidos em 2009. Outro perdedor foi o Partido da Liberdade Inkatha, liderado pelo ex-Ministro-chefe de KwaZulu Bantustan, Gatsha Buthelezi, o qual, três décadas antes, reivindicara o posto de “líder nacional dos africanos”.

Dessa forma, confirmou-se que o Congresso Nacional Africano ainda mantém uma sólida maioria no parlamento. No entanto, há uma crescente decepção relacionada aos resultados das políticas do partido tanto

18 <http://www.polity.org.za/article/an-uncompromising-stance-the-dispute-between-sars-and-julius-malema-continues-2016-05-16>

19 <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/LIVE-Tight-security-ahead-of-Malemas-court-appearance-20150803>

20 Maimane possui Mestrado em Administração Pública pela Universidade de Witwatersrand e em Teologia pela Universidade de Bangor, no País de Gales. Ele também é pastor e membro antigo da conservadora Igreja da Liberdade.

entre os próprios membros do partido quanto entre outros aliados.

A liderança “radical” da União Nacional de Metalúrgicos (NUMSA, sigla em inglês), totalizando cerca de 350 mil, não apenas criticou o governo do CNA por adotar “um documento neoliberal tal como o Plano Nacional de Desenvolvimento²¹”, como também adotou, em sua conferência, a decisão de rejeitar o apoio do CNA nas eleições. Após, a NUMSA anunciou planos de criar um amplo movimento de oposição e um “partido político revolucionário Marxista-Leninista da classe trabalhadora”²².

O comitê organizador do novo movimento, denominado “Frente Unida”, foi formado em dezembro de 2014. Ao que parece, seus fundadores esperavam repetir o sucesso da Frente Unida Democrática (UDF, sigla em inglês), o qual reuniu diversos opositores do regime do *apartheid* três décadas atrás. No entanto, a diferença entre as Frentes logo tornou-se evidente: em contraste à UDF, a nova frente está sendo criada a partir do alto e com pouco sucesso: sua conferência de fundação foi postergada diversas vezes e uma data ainda não foi fixada. Em relação à criação de um novo partido, o qual seria praticamente um rival do Partido Comunista Sul-Africano (PCSA), o processo não teve continuidade além da declaração de intenção.

Deve-se ressaltar, no entanto, que os planos de formar novas estruturas acentuou as divergências entre a esquerda sul-africana. Alguns ex-membros do Partido Comunista Sul-Africano (PCSA) estavam envolvidos. Ronnie Kasrils, ex-membro do Politburo que assumiu alguns cargos durante os governos Mandela e Mbeki, tornou-se membro da Frente Unida de Comissão Nacional de Trabalho (United Front National Working Committee, em inglês), e Mazibuko Jara, ex-porta-voz do Partido Comunista, tornou-se seu Secretário Nacional.

Seria incorreto, contudo, alegar ter havido uma “divisão” no PCSA ou uma significativa “evasão” no número de membros. Pelo contrário, a sua “força numérica” aumentou recentemente, “aos trancos e barrancos”, para 230 mil, sendo a maioria jovens²³. Várias dúzias de membros do PCSA são parlamentares; cinco – incluindo o Secretário-Geral do partido, Blade Nzimande, e o Presidente, Senzeni Zokwana – são Ministros e três Vice-Ministros. No entanto, todos ocupam tais posições como membros do CNA, porém propostas para participações independentes nas eleições, e não apenas na estrutura do Congresso, estão crescendo nos últimos anos, principalmente entre a Liga Comunista Jovem.

A liderança do PCSA está enfrentando um dilema: muitos

21 <http://www.fin24.com/Economy/Numsa-gears-up-for-special-congress-20131018>

22 <http://www.numsa.org.za/article/numsa-central-committee-statement-2/>

23 <http://www.iol.co.za/news/politics/sacp-membership-growing---cronin-1881800>

comunistas são críticos ao PND, porém, como membros do governo e funcionários públicos, eles têm de implementá-lo. Por exemplo, o primeiro vice-Secretário-Geral Jeremy Cronin escreveu: “O NDP não é uma implementação pré-fabricada, ele é algo mais próximo de uma visão. Ele consiste em recomendações, propostas intrigantes porém não testadas, resumos de projetos há muito tempo em curso, entre outros. Tais proposições estão no meio de uma seção de abertura cheia de poesias embaraçosas (‘A sabedoria de nossos líderes é nossa, porque nós sentimos a nossa sabedoria na deles...’) e uma desajeitada tentativa de apresentar uma teoria de contrato social. Desde o início, o PCSA advertiu contra a ‘monumentalização’ do PND – seja no ato de idealizá-lo, seja no ato de demonizá-lo (assim como foi com a estátua de Saddam Hussein em Baghdad). Todos os planos sérios necessitam deixar o seu final relativamente em aberto. Além disso, para um plano ser efetivo, ele deve estar sujeito ao aprendizado pela experiência”²⁴. No entanto, ao mesmo tempo, de acordo com Cyril Ramaphosa, Cronin, que é um vice-Ministro, está ao lado dele “liderando a execução dos programas estabelecidos no Plano Nacional de Desenvolvimento”²⁵.

Uma situação mais complicada está se desenvolvendo dentro do movimento sindical. Após a NUMSA ter sido expulsa do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (COSATU), em novembro de 2015, seus líderes procuram atrair outros sindicatos para, juntos, criarem uma “nova federação sindical, controlada pelos trabalhadores, democrática, não racista, não sexista, independente, autossuficiente financeiramente, internacionalista, socialista e militante”. A “Cúpula dos Trabalhadores” aconteceu no dia 30 de abril de 2016 e disseminou a esperança de que a “conferência fundadora [de tal federação] poderia acontecer, no máximo, até 2017, possivelmente antes”²⁶. Assim, os ambiciosos planos da liderança da NUMSA incluem o estabelecimento de uma alternativa a todos os três componentes da aliança liderada pelo CNA.

Tais ações estavam acontecendo contra o agravamento da situação política e econômica na África do Sul. Um dos mais dramáticos eventos foi uma onda de xenofobia que se alastrou por diversas cidades do país em abril de 2015, quando diversas pessoas (tanto estrangeiros quanto sul-africanos) foram mortos e outros milhares de cidadãos de outros países africanos abandonaram o país ou foram deportados como imigrantes ilegais.

O motivo para essa crise foi o descontentamento de muitos nativos, principalmente africanos, devido aos baixos níveis de transformações

24 <http://www.news24.com/Opinions/Jeremy-Cronin-responds-to-Trevor-Manuels-attack-on-the-SACP-20150719>

25 <https://www.enca.com/south-africa/government-will-not-turn-away-ndp-ramaphosa>.

26 <http://www.numsa.org.za/article/declaration-workers-summit-may-day-rally/>

socioeconômicas, o que foi catalisado pelo discurso do chamado “rei da nação Zulu”, Goodwill Zwelithini, o qual disse que “estrangeiros devem fazer as malas e irem para casa”. No entanto, seus defensores alegam que suas palavras, proferidas em língua Zulu, “foram distorcidas, pois se referiam apenas à deportação de imigrantes ilegais”²⁷. O CNA e seus aliados têm feito muito para conter essa nova onda – variando de passeatas em favor dos imigrantes até o envolvimento do exército para ajudar a polícia. A “Operação Fiela” (*Operation Fiela*, em inglês), uma campanha para retomar a ordem, seguiu um curso através do qual 9 000 habitantes foram presos e cerca de 15 000 foram repatriados²⁸.

Após, na segunda metade de outubro, 2015, a África do Sul encarou uma rebelião estudantil causada pelo aumento em mais de 12% na mensalidade de diversas universidades. Gigantes passeatas, acompanhadas, em alguns casos, por enfrentamentos com a polícia, ocorreram perto do parlamento, na Cidade do Cabo, perto da sede do CNA, em Johannesburgo e, por fim, perto dos Prédios da União, escritórios do Presidente sul-africano em Tshwane. A decisão de aumentar as mensalidades foi tomada pelos reitores das universidades, os quais, usualmente, recebem salários maiores do que Ministros e até o Presidente, porém a culpa se alastrou até o governo. Jacob Zuma foi obrigado a, pessoalmente, declarar que não haveria aumentos nas mensalidades estudantis no próximo ano escolar²⁹. No entanto, de vez em quando, ainda há incidentes que ocorrem de formas muito violentas, tais como incêndios a instalações universitárias.

A situação se tornou tão tensa que Jacob Zuma não virou apenas alvo de críticas, mas também houve pedidos diretos para que ele resignasse ao cargo. Essa nova onda de aviltamento está conectada à emergência de mais um termo no vocabulário político sul-africano: a “captura de Estado”³⁰ (*state capture*, em inglês), atribuído primeiramente à família Gupta. Os três irmãos Gupta, Ajay, Atul e Rajesh, foram da Índia para a África do Sul em 1993 e estabeleceram um empreendimento “versátil”, alegadamente utilizando suas conexões com o Presidente e sua família. Uma das esposas de Zuma, Bongki Ngema-Zuma, trabalhara para os Guptas; um de seus

27 <http://www.theguardian.com/world/2015/apr/20/south-africa-xenophobic-violence-zulu-king-goodwill-zwelithini>

28 <http://mg.co.za/article/2015-09-07-the-numbers-behind-operation-fiela>

29 <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/Zero-increase-in-fees-Zuma-20151023>

30 Os esforços de um pequeno número de empresas (ou de grupos tais como militares, grupos étnicos e políticos cleptocráticos) para moldar as regras do jogo a seu favor através da provisão ilícita e não transparente de ganhos privados aos funcionários públicos, observa-se como exemplos os comportamentos que incluem a compra privada de votos legislativos, decretos executivos, decisões judiciais e financiamento de partidos políticos ilícitos.

filhos, Duduzane, fora diretor em uma das empresas da família Gupta; e a filha do Presidente, Duduzile, fora escolhida como diretora da empresa Sahara Computers, também da família Gupta, em 2008, logo após o seu pai ter sido eleito como líder do CNA, embora ela tenha renunciado³¹.

O primeiro grande escândalo os envolvendo aconteceu em 2013, quando um avião fretado partindo da Índia com convidados dos Gupta para um casamento da família aterrissou na Base Aérea Waterkloof, perto de Pretória, a qual é, normalmente, reservada para visitas de chefes de Estado e delegações diplomáticas³². Alguns acontecimentos mais sérios aconteceram no ano passado. No dia 9 de novembro, o Presidente Zuma, repentinamente, demitiu seu Ministro das Finanças, Nhlanhla Nene, substituindo-o por um membro do Parlamento que não ocupava nenhum cargo dentro do governo, Des van Rooyen³³. No dia seguinte, o novo ministro chegou ao Tesouro Nacional com seus dois conselheiros, os quais foram identificados com aliados dos Gupta. “A chegada deles, assim, chocou o Tesouro, fazendo com que o Diretor Geral ameaçasse se demitir. A sua equipe, imediatamente, apelidou o evento de “9/12”, uma referência ao desastroso acontecimento norte-americano de “9/11” de 2001³⁴.

A decisão de Zuma foi prejudicial para o sistema financeiro sul-africano: a moeda sul-africana se desvalorizou por dois em relação ao dólar americano e R500 bilhões desapareceram dos recursos sul-africanos. A contestação dentro do país foi tão grande que os membros da aliança tripartidária se distanciaram da decisão de Zuma. Em quatro dias, o Presidente teve de reverter a sua indicação, substituindo van Rooyen por Pravin Gordhan, que ocupara o mesmo cargo de 2009 a 2014³⁵.

Houve suspeitas de que, logo antes desses acontecimentos, “alguém, presumidamente com um conhecimento antecipado a respeito dos eventos que ocorreriam, realizou uma aposta multibilionária contra a moeda sul-africana (em termos técnicos, Venda a Descoberto). A manobra consistiu em pegar emprestado Rands para comprar Dólares; quando o Rand quebrou, houve uma imediata venda dos Dólares para Rands novamente, adquirindo, assim, vários bilhões de lucro”³⁶.

31 <http://www.bbc.com/news/world-africa-22513410>. Malema introduziu um novo termo: “Zuptas” – para se referir à alegada influência sobre Zuma.

32 Ibid.

33 <http://www.fin24.com/BizNews/named-van-rooyens-two-gupta-advisors-who-almost-hijacked-sa-treasury-20160215>

34 Ibid.

35 Ibid.

36 <http://www.sacp.org.za/main.php?ID=5353#sthash.kw2c7jC5.dpuf>

Ademais, Msebzizi Jonas, ex-Ministro das Finanças, anunciou publicamente que, na noite em que Nene havia sido demitido, os Guptas o ofereceram o cargo de ministro³⁷. Acusações similares foram feitas por outros oficiais. Sob essas circunstâncias, o Presidente e a sua família, rapidamente, distanciaram-se dos Guptas. O seu filho, por exemplo, imediatamente se demitiu do seu cargo³⁸, embora Zuma tenha insistido, perante o Parlamento, que nenhum de seus Ministros havia sido indicado “pelos Guptas ou por qualquer outra pessoa”³⁹; dois meses depois, reiterou que “não era do seu conhecimento as negociações dos Guptas ou de quaisquer outros”⁴⁰. O escândalo foi de tamanha seriedade que os irmãos Gupta optaram por deixar a África do Sul urgentemente. Além disso, o Comitê Executivo Nacional do CNA decidiu por investigar se a relação do Presidente com os Gupta havia iniciado um processo de “captura de Estado” (*state capture*)⁴¹. Por fim, em 27 de agosto, os Guptas anunciaram que venderiam todas as suas ações na África do Sul até o fim de 2016⁴².

Não muito tempo depois, mais notícias ruins vieram para o Presidente. O Tribunal Constitucional, por unanimidade, decidiu que o poder do Defensor Público de adotar medidas corretivas apropriadas possui efeito legal, bem como caráter vinculante. Dessa forma, Zuma seria obrigado a devolver o dinheiro que havia utilizado na sua casa em Nkandla; a quantia final seria determinada pelo Tesouro Nacional. Ademais, em palavras fortes e sérias, a Corte também considerou que, ao falhar em obedecer às demandas do Defensor Público, o Presidente também havia falhado em “apoiar, defender e respeitar” a Constituição. Por fim, a Corte estabeleceu que a resolução da Assembleia Nacional, baseada na ideia do Ministro da Polícia que exonerava o caráter confiável do Presidente, era inconsistente com a Constituição e, assim, ilegal⁴³.

Após, a Suprema Corte de Gauteng renunciou a decisão estabelecida pela Autoridade Nacional de Promotoria (ANP) de antes da eleição de 2009. Essa decisão revogava o caso criminal contra Zuma. Além disso, a Corte

37 <http://mg.co.za/article/2016-03-16-guptas-offered-me-finance-minister-position-mcebisi-jonas>

38 <http://www.fin24.com/Economy/breaking-guptas-resign-from-oakbay-20160408>

39 <http://www.ft.com/cms/s/0/d1d15888-ec4d-11e5-bb79-2303682345c8.html#axzz4AiSzXILC>.

40 <http://ewn.co.za/2016/05/17/Zuma-reiterates-he-never-lied-about-Nkandla>

41 <http://ewn.co.za/2016/03/21/ANC-to-investigate-Zuma-relationship-with-the-Gupta-family>

42 AAN7 TV, 27 August 2017.

43 <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/full-text-constitutional-court-rules-on-nkandla-public-protector-20160331>

também declarou que ele “deveria enfrentar todos os encargos, assim como descrito na acusação”: 783 acusações de alegada corrupção, fraude e extorsão. Foi declarado, também, que a decisão de abandonar as acusações havia sido mal conduzida, visto que Mokotedi Mpshe, o então promotor-chefe, havia agido sob pressão⁴⁴. A fim de evitar a reabertura do caso, a ANP decidiu por entrar com um recurso contra a decisão da Corte e, conseqüentemente, “enviar uma clara mensagem de que interferência política em decisões da ANP não seriam toleradas”⁴⁵. Zuma se juntou à ANP para recorrer à decisão; no entanto, os recursos foram recusados⁴⁶.

Perante tais circunstâncias, os pedidos para que Zuma resignasse eram ouvidos em diversas alas políticas. Como de costume, a opinião mais radical era proveniente dos “Combatentes da Liberdade Econômica” (EEF), que também clamavam pela dissolução do Parlamento e por novas eleições gerais⁴⁷. Os pedidos diretos pela renúncia de Zuma foram realizados por Ahmed Kathrada⁴⁸, por antigos integrantes do CNA⁴⁹, por um grupo de líderes religiosos⁵⁰... Outros, tais como um grupo de comandantes e comissários *seniors* do *Umkhonto we Sizwe* (Exército Popular do CNA), requisitaram que a liderança do CNA “urgentemente convocasse uma Conferência Nacional extraordinária, a fim de avaliar tais desafios e traçar um caminho para restaurar o prestígio do nosso glorioso movimento e do nosso glorioso Estado”⁵¹.

No entanto, havia ânimos divergentes também. A Liga Jovem do CNA chegou, inclusive, a propor que Zuma fosse nomeado presidente do Congresso para um terceiro mandato⁵². Seus apoiadores levantaram as mãos com três dedos curvados, indicando um sinal de apoio a essa iniciativa. Ao contrário da Constituição sul-africana, a Carta do Congresso Nacional Africano não prescreve limitações ao número de mandatos que um mesmo

44 <http://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/29/south-african-court-clears-way-for-jacob-zuma-to-face-783-crimin/>

45 <http://www.bdlive.co.za/national/2016/05/24/appeal-looks-beyond-zuma-case-says-npa>

46 <http://allafrica.com/stories/201606250014.html>

47 <http://www.southcoastnews.co.za/eff-calls-for-dissolution-of-parliament/>.

48 <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/ahmed-kathrada-asks-zuma-to-resign-read-it-in-full-2016042>

49 <http://www.ft.com/cms/s/0/cd6274a8-fcob-11e5-b5f5-070dca6doaad.html#axzz4AmtYiek3>

50 <http://ewn.co.za/2016/04/08/Religious-leaders-tell-the-ANC-Zuma-mu-st-go>

51 <http://www.polity.org.za/article/anc-commanders-memorandum-from-senior-commanders-and-commissars-of-the-former-military-wing-of-the-anc-umkhonto-we-sizwe-2016-03-24>

52 <http://citizen.co.za/768228/third-term-for-zuma-shot-down-in-flames/>

líder pode exercer, porém é importante lembrar que atitudes similares, adotadas por Thabo Mbeki, acabaram levando à resignação ao cargo. Em outubro de 2015, durante o Conselho Geral do CNA, Zuma deixou claro que não participaria em eleições por um terceiro mandato como líder do partido, mesmo que o CNA “o implorasse”⁵³. No entanto, na circunstância do seu segundo mandato, ele também havia se comprometido a não concorrer para a Presidência do país, porém, no fim, mudou de ideia.

Mantendo a sua posição, Zuma também reiterou que não é hora de se pensar no problema acerca da sucessão dentro do CNA. Contudo, esse tópico está gerando um debate acalorado na África do Sul. As próximas eleições gerais sul-africanas ocorrerão em 2019. Após, o novo Presidente sul-africano será eleito pelo Parlamento. No entanto, haja vista que o esperado seja que o CNA mantenha a maioria no Parlamento, imagina-se que o nome do futuro chefe de estado seja determinado dois anos antes, na próxima Conferência do CNA, a qual elegerá o novo presidente do partido.

Até o momento, há dois prováveis candidatos para o posto (e, portanto, também para o cargo mais alto da vida pública): Cyril Ramaphosa e a ex-esposa de Zuma, Nkosazana Dlamini-Zuma. Há posições conflitantes quanto às opiniões políticas de Ramaphosa. Quando ele foi secretário-geral da União Nacional de Mineradores, ele abertamente advogava em favor do socialismo, porém, mais tarde, depois de sair do cargo público, se tornou um homem de negócios muito bem-sucedido. Quando perguntado se ele ainda era uma socialista, sua resposta foi peculiar: “Sim, eu sou. Entretanto, eu inventei a minha própria frase, a qual me descreve em diversos aspectos: eu sou um socialista, porém eu atuo em um mundo capitalista; sou, dessa forma, um capitalista com instinto socialista”⁵⁴.

As chances de Ramaphosa, catalisadas pelo seu cargo de vice-presidente de Zuma, parecem ser altas. No entanto, a África do Sul vem expressando um forte desejo de possuir uma mulher como Presidente. Recentemente, isso foi explicitado pela Presidente da Liga de Mulheres do CNA, Dlamini Bathabile⁵⁵, também Ministra do Desenvolvimento Social. Quanto a essa questão, o nome de Nkosazana Dlamini-Zuma é, na maioria das vezes, o nome mais citado. Com seu caráter forte e influente, ela, anteriormente, ocupou diversos cargos ministeriais e, em 2012, foi eleita presidente da Comissão da União Africana em Addis Ababa. Seu mandato acaba no final de janeiro de 2017 e a sua decisão de não concorrer a um segundo termo indica as suas pretensões de ocupar um cargo importante

53 <http://ewn.co.za/2015/10/11/Zuma-rules-out-3rd-term-even-if-ANC-begged-him>.

54 <http://mg.co.za/article/2015-09-10-is-ramaphosa-still-a-shoo-in>

55 <http://mg.co.za/article/2015-09-21-political-ill-discipline-a-danger-to-anc-unity-mantashe>

na África do Sul.

No geral, diante de uma complicada situação socioeconômica, a liderança do CNA está ciente dos problemas que emergem no âmbito da organização. “Corrupção (aparente ou real), partidarismo, má disciplina política e o uso de dinheiro para corromper processos democráticos internos colocam a unidade e coesão do Congresso Nacional Africano em sério perigo”, disse Gwede Mantashe, Secretário-Geral do Congresso (e membro do Partido Comunista Sul-Africano)⁵⁶. Não é surpreendente, portanto, que a quantidade de membros do partido caiu de 1 milhão em 2012 – quando o partido se tornou centenário – para 769.000 em outubro de 2015⁵⁷.

A seriedade do problema foi enfatizada pelo Segundo Vice-Geral Solly Mapaila, o qual alegou que os membros do CNA e de outros partidos aliados que se pronunciam contra a “captura de Estado” (*state capture*) podem estar colocando as suas vidas em perigo, e vários funcionários do partido – incluindo ele mesmo – receberam, recentemente, ameaças de morte⁵⁸.

A crescente tensão no cenário político sul-africano gera dúvidas quanto à possibilidade de haver influência de forças externas na situação que se desenrola. Isso não está limitado a irrelevantes “teorias da conspiração”; ao que tudo indica, informações mais graves apareceram quanto a isso. Por exemplo, Baleka Mbete, Presidente Nacional do CNA e Porta-Voz da Assembleia Nacional, alegou: “Esse pessoal do ‘Combatentes da Liberdade Econômica’ (EEF) não está trabalhando apenas com pessoas desse país; eles são peões em um esquema maior, no qual governos ocidentais estão envolvidos”⁵⁹.

Além disso, a Agência Estatal de Segurança da África do Sul (SSA, sigla em inglês), em março 2015, confirmou que estava investigando suspeitas de envolvimento da CIA – Agência Central de Inteligência estadunidense – com algumas pessoas proeminentes, tais como Thuli Madonsela, Julius Malema, Lindiwe Mazibuko e Joseph Matundzhi, o líder sindical que organizou a greve em Marikana⁶⁰, o Sindicato da Associação de Mineiros e Construtores. Em outubro de 2015, a SSA afirmou que a investigação já estava em “um estágio avançado”⁶¹, porém os seus resultados

56 Ibid.

57 <http://www.iol.co.za/news/politics/pics-anc-4th-national-general-council-1.1927774#>.
VizUWCspqzk

58 <http://www.polity.org.za/article/you-risk-your-life-if-you-speak-out-against-state-capture-sacps-mapaila-2016-06-03>

59 <http://mg.co.za/article/2015-03-05-ssa-investigating-political-leaders>

60 <http://mg.co.za/article/2015-03-05-ssa-investigating-political-leaders>

61 <http://sa-monitor.com/top-10-bogus-anc-conspiracy-theories-bdlive-25-may-2016/>

nunca foram relatados.

De qualquer forma, não há dúvidas quanto ao fato de que a posição do partido dominante na África do Sul quanto a assuntos internacionais – a qual está expressa mais abertamente nos próprios documentos do CNA do que em declarações oficiais do governo – é uma preocupação para algumas forças ocidentais. Por exemplo, o Documento de Discussão preparado para o encontro de outubro de 2015 do Conselho Geral Nacional afirmou: “A Rússia não foi poupada da ira do imperialismo ocidental liderado pelos Estados Unidos... A guerra acontecendo na Ucrânia não diz respeito apenas à Ucrânia... A intenção é afetar a Rússia... Os vizinhos dos russos não apenas estão sendo mobilizados a adotarem uma postura hostil em relação a Moscou, como também estão sendo seduzidos a se juntarem à União Europeia e à OTAN”⁶².

A recente confirmação de envolvimento da CIA na prisão de Nelson Mandela em 1962 foi amplamente comentada na África do Sul. Nessa ocasião, a declaração realizada por Zizi Kodwa, porta-voz do CNA, revela uma grande quantidade de informação: “Nós sempre soubemos que houve colaboração entre alguns países ocidentais e o regime do *apartheid*... Recentemente, nós observamos que há esforços para enfraquecer o governo democraticamente eleito do CNA”, disse ele. “Eles nunca pararam de operar aqui. Isso ainda está acontecendo – a CIA ainda está envolvida com aqueles que desejam uma mudança no regime”⁶³.

Ainda assim, Pravin Gordhan estava certo ao salientar a origem doméstica dos problemas que o CNA vem enfrentando: “Nós precisamos revolucionar a nossa própria política. Se nós não mudarmos o modo através do qual nós realizamos as coisas, ninguém irá. Eu não acredito que nós estejamos sob ataque de pessoas de fora. Eu vejo que nós damos a eles as ferramentas para nos atacar”⁶⁴.

De fato, quaisquer que sejam as interferências externas, as chamadas “Revoluções Coloridas” – sejam elas no Norte da África, na Ásia Central ou na América do Sul – só podem ocorrer caso as condições locais deem espaço para que elas se alastrem.

Quanto a isso, a posição expressada pelo Doutor Bonginkosi “Blade”, o Secretário-Geral do Partido Comunista Sul-Africano, membro do Comitê Executivo Nacional do CNA e Ministro de Ensino Superior e

62 http://www.anc.org.za/docs/umrabulo/2015/ngc_disc_docsy.pdf

63 <http://www.theguardian.com/us-news/2016/may/15/cia-operative-nelson-mandela-1962-arrest>

64 <http://www.bdlive.co.za/national/politics/2016/05/22/pravin-gordhan-urges-unity-and-return-to-old-values-in-anc>

Profissional, merece atenção: “O fato é que a relação entre os Gupta, o nosso movimento e o governo é tóxica! Entretanto, ao mesmo tempo, nós devemos ressaltar que culpar apenas os Gupta não é suficiente. A questão que deve ser respondida é com quem essa família está trabalhando no lado do nosso movimento/governo?”⁶⁵.

A Secretaria Política do PCAS solicitou à liderança do CNA que “refletisse criticamente quanto às capacidades e motivações de um grupo de funcionários informais da presidência – cortesãos, adulateiros, patronos, partidários e bajuladores. É um grupo que, de acordo com a nossa visão, continuamente e prejudicialmente expõe a presidência”⁶⁶.

Sob tais circunstâncias, a eleição do dia 3 de agosto, embora seu escopo fosse local, acabou adquirindo importância nacional. As discussões das quais o autor do presente artigo – Vladimir Shubin – participou na África do Sul, um pouco antes das eleições, mostraram que havia duas “linhas de pensamento” dentro do CNA: (i) alguns acreditavam que Zuma se tornou uma ‘corda em volta do pescoço’ do partido; (ii) enquanto outros viam que a sua resignação, nas vésperas da eleição, causaria o caos, danificando, assim, a posição do partido.

O segundo ponto de vista prevaleceu, porém o resultado das eleições acabou, inevitavelmente, trazendo à tona, novamente, a controvérsia. De início, a liderança do CNA se comportou como se o problema não lhes fosse importante/não lhes preocupasse, enfatizando, na sua declaração, que o partido havia recebido “mais votos do que nunca”⁶⁷. No entanto, na realidade, esses milhões constituem apenas 54.5% do cálculo dos votos, o que é quase 8% menos do que em 2011. “Na superfície”, entretanto, ainda não estava complicado. Os resultados haviam sido duas vezes maiores do que os da Aliança Democrática (AD), cujo desempenho aumentou em 3%. Quanto aos Combatentes da Liberdade Econômica (EEF), os seus resultados foram muito inferiores às suas ambições: em vez de dobrar ou, até, triplicar seu desempenho, o crescimento foi de apenas 2%. Apesar disso, o partido dominante sofreu um sério revés em todas as grandes municipalidades, à exceção de eThekweni (Durban). A Aliança Democrática fortaleceu a sua presença na Cidade do Cabo, adquiriu uma maioria relativa nos municípios de Tshwane – a capital administrativa – e de Nelson Mandela Bay (Port Elizabeth) e diminuiu a maioria relativa do CNA em Joanesburgo e em Erkhuhuleni. Dessa forma, assim como a imprensa sul-africana retratou,

65 <http://politicsweb.co.za/news-and-analysis/blaming-the-guptas-alone-is-not-enough-blade-nzim>

66 <http://www.sacp.org.za/main.php?ID=5240#sthash.6y9yVvUf.dpuf>

67 <http://www.anc.org.za/content/many-more-vote-anc-2016-ever>

“a era de coalizões” chegou⁶⁸ e, apesar do terceiro lugar, os Combatentes da Liberdade Econômica receberam a chance de se tornarem *kingmakers*⁶⁹ em diversas situações.

A sua liderança “radical” se utilizou de táticas astutas. Eles mantiveram uma linha de conversa com o CNA, porém estabeleceram oito condições inaceitáveis, incluindo a “remoção” de Zuma. Após o fracasso dessa conversa, realizaram um acordo com a Aliança Democrática, da ala de direita. No entanto, Malema enfatizou que o seu partido não formaria coalizões, mas que apoiaria a AD em grandes metrópoles⁷⁰. Assim, com a assistência do EEF e de alguns pequenos partidos, a AD conseguiu adquirir controle não apenas de Tshwane e Nelson Mandela Bay, mas também de Joanesburgo – onde, contrariamente, o CNA recebeu mais votos do que o seu principal oponente.

Muitos membros importantes do partido colocaram a culpa pela queda do CNA em seu líder, cuja imagem foi arruinada pelos escândalos. No entanto, de acordo com o Secretário-Geral do CNA Gwede Mantashe, embora os membros do Comitê Executivo Nacional do partido tenham permanecido discutindo o “colapso” por diversos dias, “nenhuma proposta foi feita para que o Presidente deixasse o cargo”⁷¹. Apesar disso, mais vozes estão requisitando que a conferência nacional de eleição do CNA seja adiantada.

O Corregedor do CNA, Jackson Mthembu, adequadamente afirmou no parlamento que a queda do CNA era “autocriada” e “não porque qualquer outro partido seja superior”. No geral, o CNA venceu cerca de 78% das alas do país, porém perdeu metrópoles chaves, as quais são “muito importantes para a economia sul-africana, uma vez que controlam altos orçamentos”.

Além disso, o golpe moral para o CNA é difícil de superestimar. Zuma costumava dizer que as pessoas deviam aceitar o fato de que o CNA governaria “até que Jesus Cristo voltasse”⁷², porém, agora, essa frase teve um efeito *boomerang*. Após a eleição, uma piada de mau gosto se popularizou: “Zuma pode ter ido ao Aeroporto Internacional Oliver Tambo (OR Tambo) dar as boas vindas a Jesus”⁷³

68 <http://www.citizen.co.za/1237810/welcome-to-the-era-of-coalition-politics-2/>

69 Termo usado para ilustrar uma situação em que um jogador através das suas ações no jogo, determina o vencedor do jogo (que não ele próprio).

70 <http://mg.co.za/article/2016-08-17-malema-says-the-eff-wont-form-coalition-but-will-support-da-in-hung-metros>

71 <http://www.polity.org.za/article/coalition-talks-enter-critical-stage-2016-08-15>

72 <http://mg.co.za/article/2016-07-05-zuma-repeats-that-anc-will-rule-until-jesus-comes>

73 <http://www.citizen.co.za/1240868/where-is-zuma-maybe-hes-with-jesus/>

No entanto, a responsabilidade pelo “colapso” nas eleições não deve recair sobre apenas um homem. O Presidente do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (COSATU), Sidumo Dlamini, afirmou: “Nós devemos demonstrar que ouvimos aquele último ‘tiro de advertência’, o qual parece clamar pela interrupção do partidarismo no movimento enquanto a classe trabalhadora está sob cerco. Eles [eleitores] esperavam que o CNA seria capaz de ser fiel à promessa de uma fase socioeconômica radical em nossa democracia, em troca de uma transformação em suas vidas”⁷⁴. De fato, o maior problema da África do Sul é mais profundo do que ações (ou falta delas) de um único político, por mais importante que ele seja, ou de seu “círculo”. Isso pode ser reduzido a uma questão: pode a condição da maioria ser muito melhorada sem empreender ações sociais e econômicas radicais?

Ainda assim, embora a África do Sul esteja enfrentando, atualmente, todos os tipos de problemas, causados tanto por questões internas quanto externas, toda a vez que você a visita⁷⁵ é possível ver um contraste entre a real situação e a imagem sendo ilustrada pela chamada mídia internacional. De acordo com Nzimande, “a África do Sul tem sido consistentemente retratada sempre como ‘cinco minutos para a meia-noite’, sempre à beira de um colapso e de uma transformação em um ‘Estado falido’”⁷⁶. Frequentemente, na mídia e em conversas fúteis, é possível ouvir reclamações quanto à “expulsão” de pessoas brancas da África do Sul. A situação existente, na realidade, é o oposto: em cinco anos, 359.000 imigrantes, ou seja, cerca de 40%, retornaram aos seus lares⁷⁷. Esse fato, por si só, permite que os sul-africanos e seus amigos, apesar de todas as dificuldades, possam olhar para o futuro através de uma perspectiva otimista.

74 <http://www.iol.co.za/news/politics/voters-have-fired-their-final-warning-shot-cosat-2056476>

75 Últimas visitas do autor foram em abril e agosto de 2016.

76 <http://www.sacp.org.za/main.php?ID=4810>

77 <http://homecomingrevolution.com/south-africa/>

RESUMO

Atualmente, a África do Sul enfrenta diversos dilemas políticos que influenciam toda a organização social do país. Dessa forma, a historicidade dos processos políticos que permeiam a sociedade sul-africana atualmente, os jogos de poder das elites do país, bem como as influências externas que agem internamente por meio dos partidos políticos da África do Sul, e a presença dessa importante nação africana dentro do âmbito dos BRICS são elementos essenciais para a compreensão do contexto da política sul-africana. Através de experiências vivenciadas in loco, se buscou nesse artigo uma análise minuciosa e abrangente acerca de tal conjuntura, apontando os agentes políticos que interferem ativamente nesse jogo e construindo possíveis cenários para o desenrolar dos eventos.

PALAVRAS-CHAVE

África do Sul; processo político; ANC; Jacob Zuma.

*Recebido em 20 de junho de 2016.
Aprovado em 28 de setembro de 2016.*

Traduzido por Rodrigo dos Santos Cassel.